

**Diferentes cidades, diferentes violências:  
a cartografia do caso Jaime Gold em *O Globo* e *Extra*\***

*Different cities, different violences:  
the cartography of Jaime Gold's case in O Globo and Extra newspapers*

Maite Nora Blancquaert Mendes Dias\*\*

**Resumo**

Os discursos midiáticos sobre violência urbana apresentam também uma disputa sobre os sentidos da cidade e seus habitantes: de quais áreas vem o perigo e quais áreas importa que esse perigo não atinja. O objetivo desse artigo é analisar as construções discursivas no jornalismo que relacionam a criminalidade juvenil e as diferentes regiões do Rio de Janeiro. Para isso, analisaremos, nos jornais *O Globo* e *Extra*, a cobertura do caso do médico Jaime Gold, assaltado e morto, supostamente por dois adolescentes, na Lagoa Rodrigo de Freitas. Como metodologia, usaremos a Análise do Discurso (AD) de linha francesa, com base nos estudos de Eni Orlandi.

**Palavras-chave**

Criminalidade juvenil; Cidade; Violência urbana; Jornalismo.

**Abstract**

*The media discourses on urban violence also present a dispute about the senses of the city and its inhabitants: of what areas comes the danger and which areas it matters that this danger does not reach. The purpose of this article is to analyze the discursive constructions in journalism that relate juvenile crime and the different regions of Rio de Janeiro. For this, we will analyze, in the newspapers O Globo and Extra, coverage of the case of the physician Jaime Gold, robbed and killed, allegedly by two adolescents, in Lagoa Rodrigo de Freitas. As a methodology, we will use the French Line Discourse Analysis (AD), based on the studies of Eni Orlandi.*

**Keywords**

*Youth crime; Cities; Urban Violence; Journalism.*

---

\* Trabalho apresentado no GT 4 - Comunicação, Narratividade e Discursos Midiáticos do XIV PosCom PUC-Rio, de 21 a 24 de novembro de 2017.

\*\* Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da UFF; e-mail: maitemendes@yahoo.com.br.

## 1. Introdução

Uma cidade é feita de várias cidades, dizia o escritor Marques Rebelo, cujos contos e romances tinham como cenário exclusivo o Rio de Janeiro (FRUNGILLO, 2007). Zuenir Ventura (1994) apresentou as contradições sociais e históricas do Rio no livro de título *Cidade Partida*. Na mídia, as construções discursivas sobre essas “diferentes cidades” cariocas com frequência se materializam na cobertura jornalística sobre violência urbana e segurança pública.

O objetivo deste artigo é analisar os discursos sobre a cidade do Rio de Janeiro que aparecem nos jornais impressos *O Globo* e *Extra* no caso da morte do médico Jaime Gold na Lagoa Rodrigo de Freitas. Para isso, usaremos as ferramentas da Análise do Discurso (AD), com referência nos estudos de Eni Orlandi (2004, 2009). Conforme apresenta Orlandi (2004, 2009), a AD trabalha a língua como a mediação entre o homem e a realidade natural e social, e entende o discurso como um objeto sócio-histórico. Seu objetivo não é encontrar “o” sentido verdadeiro do discurso, uma verdade oculta atrás do texto – já que isso não existe –, mas compreender quais os gestos de interpretação que o constituem e de que maneira eles produzem sentidos.

*O Globo* e o *Extra* fazem parte do mesmo conglomerado de comunicação, o maior do país, o *Grupo Globo*, composto por dezenas de jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão. Em 2015, ano de recorte deste trabalho, os dois jornais tinham redações e equipes diferentes, embora o conteúdo pudesse transitar entre elas. Em 2017, as redações foram unificadas.

*O Globo* foi o segundo jornal mais vendido do país em 2015, de acordo com os dados do Instituto Verificador de Comunicação (IVC), com média de circulação diária de 193.079 exemplares impressos. Conforme informações da Infoglobo – holding dos jornais impressos –, 65% dos leitores do jornal são das classes A (15%) e B (50%) e 39% deles têm ensino superior. Já o *Extra*, que aparece em 8º lugar na lista dos mais vendidos de 2015 do IVC, com média de circulação diária de 136.831 exemplares impressos, tem como principal público a classe C, onde se encontram 57% dos seus leitores, segundo dados da Infoglobo, 45% deles com ensino médio. Foi criado em 1998, com uma nova proposta de jornalismo popular, com foco na prestação de serviços ao leitor e na fiscalização dos serviços públicos (de PAULA, 2011).

As diferenças de público são expressão dos diferentes posicionamentos dos jornais. Embora seja do Rio de Janeiro, *O Globo* é um jornal de circulação nacional, com fortes editoriais de País e Política. É considerado um jornal de referência, ou *quality paper*, que propõe um

determinado padrão de qualidade jornalística, cujos princípios editoriais incluem isenção e pluralidade, principalmente a partir das reformas editoriais de 1995 e 2012 (BARON, 2015).

Já o *Extra* se enquadra no chamado jornal popular. Segundo Amaral (2006), esse jornalismo tem os mesmos fundamentos dos jornais de referência, mas com uma linguagem mais simples e didática, com enfoque na cobertura de esporte, polícia, lazer (fofocas) e serviço. É mais um dos jornais populares ligados a grandes empresas de comunicação, que surgem pela necessidade de ampliar o mercado de consumidores. É importante ressaltar que embora seja um jornal popular, o *Extra* não é considerado “espreme que sai sangue”, ao contrário, é chamado por jornalistas como “popular elegante” ou “popular de gravata” por seu estilo mais sofisticado e ganhador, inclusive, de Prêmios Esso (de PAULA, 2011). Essas diferenças de posicionamento serão fundamentais para compreender os discursos reproduzidos pelos jornais sobre a(s) cidade(s).

## 2. Cartografia da violência

O médico Jaime Gold, de 56 anos, pedalava de bicicleta na Lagoa Rodrigo de Freitas, um dos principais pontos turísticos da Zona Sul do Rio de Janeiro, quando foi assaltado e esfaqueado, supostamente por dois adolescentes, em maio de 2015. Em um momento em que a Câmara dos Deputados analisava a Proposta de Emenda Constitucional 171, que pedia a redução da maioria penal de 18 para 16 anos, o episódio ganhou repercussão nacional (DIAS, 2017). Mas antes que o debate sobre criminalidade juvenil despontasse na mídia, foram os discursos sobre a cidade que estamparam as manchetes dos jornais.

No primeiro dia de cobertura, 20 de maio, antes do anúncio da morte de Jaime Gold, *O Globo* noticia o caso com pequena chamada na capa e reportagem interna de quase meia página, referindo-se a “mais um esfaqueado” nos “ataques em série”, enquanto o *Extra* deu apenas uma notinha na editoria de Polícia. Já no dia seguinte, 21 de maio, o episódio figura como uma das principais manchetes do dia nas capas de *O Globo e Extra*, mas com discursos distintos, cujo centro do debate estava na questão da cidade.

Em sua capa, o *Extra* deslocou os sentidos da notícia ao chamar atenção, também, para a morte de dois jovens na favela do Dendê, na ilha do Governador, ocorridas na mesma semana. “Crime bárbaro na Lagoa choca o Rio. Só não se esqueçam de Gilson e Wanderson”, dizia a manchete. Os dois episódios dividiam a página com fotos chamativas, com mais destaque para o

caso do Dendê. Ao pedir que “só não se esqueçam de Gilson e Wanderson”, o jornal se contrapõe à fala do secretário de segurança pública do Rio de Janeiro, José Mariano Beltrame, que evidenciava, por exclusão, que existem áreas onde, na perspectiva do Estado, é admissível que ocorram mortes violentas – mas não as nobres e turísticas. “Um lugar como a Lagoa Rodrigo de Freitas não pode de maneira nenhuma ser alvo desse tipo de atitude. É um lugar que nós frequentamos, que gostamos de ir. E é um cartão-postal” (BICICLETA, 2015, p.12).

A própria capa do *Extra* admite a desigualdade da cobertura midiática quando se trata de episódios de violência em áreas nobres: “Como em qualquer lugar do mundo, crimes em pontos turísticos têm maior repercussão” (CRIME, 2015, capa), mas seu mérito é justamente questionar a pouca ênfase do jornalismo quando os afetados são regiões (e classes) populares, ao lembrar e dar o mesmo espaço para a morte de dois jovens pela Polícia Militar em uma favela da cidade: “Mas, no Dendê, mães choram mortes de seus filhos em ação da polícia e esperam que caso não caia no esquecimento” (CRIME, 2015, capa).

*O Globo*, no entanto, não adota a mesma postura. Em 21 de maio, a capa traz uma foto da Lagoa com mancha de sangue artificial e a chamada “Tragédia anunciada choca Rio”, mas não fala nada sobre o episódio do Dendê. O “anúncio” ao qual o jornal se refere são as diversas notícias sobre assaltos à faca – e seus desdobramentos, como a identificação ou detenção dos envolvidos, reforço no patrulhamento na região, etc – trazidas pelo jornal nas semanas anteriores. Desde o fim de abril, *O Globo* colocava em pauta a questão dos assaltos à faca, muitas vezes com envolvimento de adolescentes, principalmente na Lagoa Rodrigo de Freitas e no Aterro do Flamengo, ambos pontos turísticos e de lazer da Zona Sul, projetando o discurso de “onda de violência” (DIAS, 2017).

Figura 1 – Capa Extra 21/05/2015



Figura 2 – Capa O Globo 21/05/2015



Fonte: “Só não se esqueçam”, Extra, 21/05/2015.

Fonte: “Tragédia anunciada”, O Globo, 21/05/2015.

### 3. Locais perigosos

Desde o processo de modernização dos centros urbanos brasileiros, a partir de 1870, o tratamento da infância pobre está diretamente relacionado à preocupação sobre a cidade, alvo de processos de “higienização” (RIZZINI, 2011). Além da marcação de classe social e cor, os jovens midiaticamente perigosos (para a segurança, saúde, e modernização da cidade) têm também uma marca espacial, são aqueles advindos dos cortiços (no início do século XX), das favelas, subúrbios e periferias (no final do século XX e início do século XXI) (VALLADARES, 2005). Segundo Birman (2009):

para a estratégia de regulação da pobreza na sociedade brasileira, as populações das comunidades e dos enclaves marginais são potencialmente perigosas. A criminalização é o que se realiza o tempo todo sobre o corpo dessas populações, ostensiva ou discretamente, de forma que elas se transformam na positivação do mal no imaginário social (BIRMAN, 2009).

Os discursos sobre determinados locais e suas populações vão construindo as representações sociais das cidades na cidade. Conforme afirma Matheus (2011), o medo midiático se configura de maneiras distintas em cada região do Rio. Bangu é representado pela violência explosiva, ligada a rebeliões do complexo penitenciário; nas principais vias da cidade – Avenida Brasil e Linha Vermelha –, o medo é dos traficantes que invadem as pistas, fazem arrastões e tiroteios; no centro, é a desordem urbana, os camelôs, os meninos de rua que trazem o medo; na Zona Sul, o medo objetiva-se em assaltos a pedestres e residências, arrastões nas praias, fechamento de túneis.

Portanto, a partir de certa representação midiática da cidade, cada região ou bairro é tipificado segundo determinados medos, o que não significa que alguns deles não sejam comuns a vários lugares. Os diferentes bairros funcionam como espacializações do medo, guardando uma memória da violência (MATHEUS, 2011, p.25).

Essa segregação estará presente não apenas na criminalização da população das áreas pobres, inclusive crianças e adolescentes, mas também nos diferentes níveis de tolerância à violência nas diferentes regiões da cidade. Na história do Rio de Janeiro, a diferenciação entre áreas onde a violência, inclusive de Estado, pode ser tolerada remonta à modernização da cidade, no início do século XX, conforme aponta Neder (1997). As reformas urbanísticas foram seguidas de projetos de controle social que

[...] redefiniram a ação policial e moldaram os padrões de conduta e sociabilidade no espaço urbano carioca. Definiram, também, o lugar de cada grupamento étnico-cultural e/ou social. Reside neste ponto o deslanchar de um processo acentuado de segregação no espaço urbano carioca, quando a cidade europeia, aquela resultante do processo de urbanização e reforma promovido por Pereira Passos, diferenciou-se das áreas para onde os trabalhadores pobres (geralmente negros) foram empurrados: os morros e a periferia (que poderíamos chamar de cidade quilombada) (NEDER, 1997, p.6).

Segundo Neder (1997), uma série de conferências judiciário-policiais de 1917 sugeriu o disciplinamento do espaço urbano, demarcando a área permitida (tolerada) para manifestações políticas – a Avenida Central- e a área permitida (tolerada) da malandragem – Lapa e Estácio, duas áreas entre a “cidade quilombada” e a “cidade europeia”. “As fronteiras erigidas entre a “ordem” e a “desordem” ganharam concretude no imaginário social e político carioca e disciplinaram, portanto, o deslocamento e a sociabilidade urbanos” (NEDER, 1997, p.6).

A segregação urbana não é, de certo, uma peculiaridade do Rio de Janeiro. Segundo Maricato (*apud* COIMBRA, 2001), é com o início da República que se afirma o “urbanismo modernista segregador”. Uma série de reformas urbanísticas acontece por diversas capitais do

país: São Paulo, Manaus, Belém, Curitiba, Santos e Porto Alegre, todas inspiradas no modelo parisiense de George-Eugène Haussmann, que, por mais de 20 anos, demoliu centenas de prédios da capital francesa para a construção de avenidas largas e grandes quarteirões (COIMBRA, 2001, p.99). Coimbra (2001) complementa que “as estratégias de ordenação dos espaços urbanos têm se caracterizado, portanto, pela segregação, exclusão e isolamento das classes subalternizadas, corroborando a crença de que com elas estão as doenças, os perigos, as ameaças, a violência” (COIMBRA, 2001, p 100).

Esse imaginário dos locais onde a violência é permitida também se reflete na prática jornalística. Uma declaração, de 1981, do então delegado Ruy Lisboa Dourado exemplifica o senso comum: “Eu já disse que um tapa em Copacabana ressoa como um tiro de canhão, e um tiro de canhão, no subúrbio, como uma bombinha de São João” (BENEVIDES, 1983, p.54). É essa memória social da cidade que o discurso da capa do *Extra* vem embaralhar ao propor novos gestos de interpretação do caso Jaime Gold e, em paralelo, dos meninos do Dendê. Já *O Globo* se mantém nos discurso segregacionista. Nas quatro páginas internas que o caso ganha no jornal naquele dia 21, sob a retransca “Luto na Lagoa”, três reportagens evidenciam a importância de ser uma área nobre para a cobertura: uma delas leva o título “Um cartão-postal marcado pela insegurança”, com texto que destaca a região:

Iluminação e poda de árvores deficientes, aumento da população de rua e policiamento escasso. A Lagoa Rodrigo de Freitas, um dos endereços mais nobres da cidade, enfrenta problemas que estão embaçando sua beleza e levando estresse para o dia de moradores e frequentadores (UM CARTÃO, 2015, p.11).

Outra reportagem inicia com o seguinte texto:

A morte do médico Jaime Gold, esfaqueado na ciclovia da Lagoa, espalhou indignação, medo e um sentimento de impotência entre amigos, familiares e os outros frequentadores da área – um dos espaços de lazer mais valorizados da cidade e cenário de provas dos Jogos de 2016 (INDIGNAÇÃO, 2015, p.10).

Além daquela que ressalta a fala do secretário de segurança pública, José Mariano Beltrame:

É mais do que lamentável. É inadmissível o que aconteceu ontem (terça-feira), na Lagoa, lugar querido pelos cariocas, frequentado pela população do Rio e pelos turistas. Cenas como essas não podem se repetir. A Lagoa é um cartão-postal. Não podemos permitir - disse (SECRETÁRIO, 2015, p.9).

A fala de Beltrame também aparece na reportagem interna do *Extra* – “Bicicleta por uma vida” –, que ocupa meia página do jornal, mas cuja cobertura não dá enfoque para a Lagoa como

sendo prioridade nas políticas de segurança pública. Se a retranca do caso Jaime Gold era “Morte na Zona Sul”, a do Dendê, quase página inteira – maior que a do médico –, era “Violência na Ilha”, num gesto de equiparação entre as regiões. Já *O Globo*, que não faz nenhum contraponto com o episódio do Dendê, reitera a indignação da população pelo crime num dos “espaços de lazer mais valorizados da cidade”, além de chamar a atenção para o fato de o local receber, dali a um ano, provas e turistas das Olimpíadas.

No dia seguinte, 22 de maio, o *Extra* novamente busca outros gestos de interpretação para as questões da violência no Rio. A manchete de capa “Sem Família Sem Escola” chama a atenção para as duas tragédias – poderíamos dizer também duas violências – antes da tragédia da Lagoa, referindo-se à história de vida do primeiro adolescente suspeito do caso. Tragédias/violências essas que aconteceram bem distante da zona nobre do Rio, como aponta o título da principal reportagem sobre o caso naquele dia: “Tragédia anunciada. A 10 quilômetros da Lagoa”. Aqui, a ideia do “anúncio”, presente em *O Globo* no dia anterior, é retomada não para lembrar de outros crimes à faca cometidos na Zona Sul, mas para apontar as demais violências sofridas nas outras regiões da cidade – distantes do interesse políticos e jornalísticos. Se a violência urbana irrompeu na fachada que atingiu Jaime Gold e chocou a Zona Sul é porque uma série de outras violências – incluindo o descaso do Estado com a educação e as falhas do sistema socioeducativo – atingem cotidianamente outras áreas e populações da cidade. Violências essas silenciadas pela imprensa.

A própria definição do que é a violência determinará sua geografia – de onde ela vem e a quem ela atinge. Matheus (2011, p.13) afirma que o que se entende por violência urbana nos jornais do Rio de Janeiro é um conjunto limitado de problemas de natureza social, política, econômica e cultural, do qual estão excluídos diversos atos criminais violentos, como os domésticos, de trânsito, e os estados estruturais de violência, como a falta de acesso à saúde e habitação, entre outros.

*O Globo*, desinteressado por violências outras praticadas nas demais cidades cariocas, para além da Zona Sul, trará, no dia 22, um histórico dos crimes pelos quais o adolescente suspeito era acusado, com descrição dos locais onde teriam sido cometidos, ilustrada por um gráfico com um mapa da cidade. Das onze marcações no mapa, nove eram em regiões próximas à Lagoa, Leblon e Ipanema. A descrição dos endereços e a arte do mapa localizando cada uma das acusações servem para reforçar o discurso de que a criminalidade juvenil – dessa juventude que



habita as periferias da cidade— está atingindo preponderantemente as áreas “inadmissíveis” – os espaços de lazer e turismo dos privilegiados. Discurso este evidenciado também na chamada de capa e no texto da reportagem: “Ele tem 15 passagens pela polícia, sedo 13 por furto ou roubo na Zona Sul, muitos com uso de faca” (SUSPEITO, 2015, capa).

O perfil do acusado é o mesmo de outros jovens, quase todos moradores das comunidades Jacarezinho, Mandela, Manguinhos e Arará, que seguem para a Zona Sul para furtar ou roubar objetos de valor para revendê-los a receptores. No verão, eles chegam em grupos nos fins de semana. Agora, chegam aos poucos de ônibus. Na maioria das vezes, pulam a roleta, entram pelas janelas e saem sem pagar, aterrorizando até mesmo os motoristas – observou a delegada Monique Vidal, titular da 14ª DP (Leblon) (BOTTARI, GOULART, 2015, p.8).

Figura 3 – A lista de acusações



Fonte: “A lista de acusações”, O Globo, 22/05/2015.

#### 4. O perigo das ruas

Além dos diferentes discursos sobre as áreas da cidade, as notícias sobre a morte de Jaime Gold produzirão sentidos sobre o espaço urbano também no que diz respeito à rua. Coimbra (2001) afirma que, no final do século XIX e início do XX, o movimento higienista penetra em toda a sociedade brasileira, redefinindo os papéis – da família, da criança, da mulher, da cidade e

das classes pobres – em uma sociedade capitalista. A proteção da família e da escola se constrói em oposição aos perigos da rua, considerada como um ambiente dos vícios.

No discurso médico da época a rua, os locais públicos vão sendo descritos como "a grande escola do mal", onde estariam os "menores", a infância perigosa – aquela que já delinuiu – e a infância em perigo, porque pobre e convivendo com esses elementos criminosos, degenerados e irrecuperáveis que aí também habitariam (COIMBRA, 2001, p. 92).

Nas reportagens do *Extra* sobre o caso da Lagoa, o sentido da rua como local perigoso, de vadiagem e criminalidade aparecerá com frequência, principalmente em oposição à escola. Uma prática comum entre adolescentes como faltar à escola escondido dos pais, por exemplo, é encaixada nas reportagens que tentam explicar o que levou o menino à “vida do crime”, constituindo-se como uma das “evidências” de que havia algo de errado na educação do adolescente: “Costumava matar aula para ir à praia no Leblon e em Ipanema. Segundo o adolescente, sua mãe não sabia que ele ficava perambulando pelas ruas” (HERINGER, NUNES, 2015, p.3); “O jovem relatou que faltava às aulas com outros três amigos da mesma sala para ir à praia na Zona Sul” (HERINGER, 2015, p.3); “Três anos antes, o jovem trocou a sala de aula pela vida nas ruas” (SOARES, 2015, p.22). Vale dizer que “vida nas ruas” não se referia ao adolescente morar na rua, uma vez que ele tinha residência fixa com a mãe, onde, inclusive, foi apreendido pela polícia, mas é usado como sinônimo para a entrada no crime. Esse mesmo sentido se repete na capa do dia 25, ao destacar o caso de uma criança, que dizia ter seis anos, apreendida pela PM: “Ele foi entregue à mãe – dependente química – e voltou para casa, ou melhor, para as ruas. A rotina dele é roubar” (CRIANÇA, 2015, p.5). A “vida nas ruas” é associada ao crime, assim como “perambulando pelas ruas” é usado para reforçar o sentido de vadiagem.

Dessa maneira, o *Extra* reproduz os sentidos que, desde as reformas urbanas do século XIX e XX, colocam a rua, espaço onde se desenvolve a sociabilidade das classes consideradas perigosas, como ameaça à ordem, local da barbárie, do promíscuo, das doenças, do tumulto, do perigo, da criminalidade (COIMBRA, 2001). Segundo Serra (1980, p.48), a rua representa a ausência da ordem, terra de ninguém, a mediação inevitável entre a casa e o trabalho, “desenraizada da família e da produção (...), a liberdade das ruas é a dos desocupados e desclassificados”.

## 5. Considerações finais

Os discursos da imprensa sobre as questões de violência urbana e criminalidade juvenil refletem também as disputas discursivas pela cidade – ou pelas cidades dentro da cidade. As diferentes repercussões que episódios violentos ganham a partir de sua localização são simbólicas do valor social e midiático de cada região e, sobretudo, das populações que as habitam. Nesse sentido, no que se refere ao caso de Jaime Gold, o *Extra* consegue dar um passo na busca por uma representação de cidade não partida, que compreenda seus espaços periféricos negligenciados não apenas como o local de onde vem o perigo, mas também na preocupação com as violências históricas aos quais estão submetidos.

É justo dizer que esse passo é possível ao *Extra* a partir do entendimento de que o jornal fala para seu público, no caso, das classes populares, moradores das periferias. É possível ao *Extra*, e não ao *O Globo*, capas como “Só não se esqueçam de Gilson e Wanderson”, referindo-se aos meninos mortos pela polícia no Dendê no mesmo dia do assassinato de Jaime Gold na Lagoa, ou mesmo “Sem família e sem escola”, referindo-se à trajetória do adolescente suspeito de esfaquear o médico. Ao *Extra*, cabe falar, prioritariamente, para a família, os vizinhos, os amigos de Gilson e Wanderson, aqueles que não moram na Zona Sul, seus leitores. Ao *O Globo*, cabe falar para aqueles que pedalam na Lagoa, aqueles que são colocadas como vítimas – não das ações policiais, da pobreza, ou da falta de escola –, mas das “classes perigosas” e de seus locais de moradia. Ainda assim, a cobertura do *Extra* é um começo na disputa por outra cidade e outro jornalismo.

## Referências

- AMARAL, M. F. *Jornalismo popular*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- BARON, Jaime. *O jornal “O Globo” como porta-voz das posições políticas da família Marinho, ontem e hoje*. UENF, 2015.
- BENEVIDES, Maria Victoria. *Violência, Povo e Polícia*. Violência Urbana no noticiário de imprensa. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- BICICLETA por uma vida. *Extra*, Rio de Janeiro, 21 maio 2015, p. 12.
- BIRMAN, Joel. Sociedade sitiada. In: *Cadernos sobre o mal*. Agressividade, violência e crueldade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- BRANDÃO, T. País da biodiversidade longe das metas verdes. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 mar. 2006. Caderno Economia, p. 44.

- BOTTARI, Elenilce; GOULART, Gustavo. A escalada da crueldade. *O Globo*, Rio de Janeiro, 22 mai. 2015. p. 8.
- COIMBRA, Cecília. *Operação Rio - o mito das classes perigosas*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 2001.
- CRIANÇA apreendida pela PM está fora da escola. *Extra*, Rio de Janeiro, 25 mai 2015, p.5.
- CRIME bárbaro na Lagoa choca o Rio. *Extra*, Rio de Janeiro, 21 mai. 2015, capa.
- HERINGER, Carolina. Tragédia que pode ser traduzida em números. *Extra*, Rio de Janeiro, 23 mai.2015, p.3.
- \_\_\_\_\_; NUNES, Marcos. Tragédia anunciada. A 10 quilômetros da Lagoa. *Extra*, Rio de Janeiro, 22 mai.2015, p. 3.
- INDIGNAÇÃO em toda a cidade e nas redes sociais. *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 mai 2015, p.10.
- MATHEUS, Leticia. O medo como mídia: estratégias de narração no jornalismo de O Globo. *Jornalismo e Narrativas. Contracampo*. Niterói (RJ): PPGCOM-UFF, 2011.
- NEDER, Gizlene. Cidade, Identidade e Exclusão Social. *Tempo*, Rio de Janeiro, Vol. 2, nº 3, 1997, p. 106-134.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. Campinas: Pontes, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Cidade dos Sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2004.
- DE PAULA, Gustavo Serra Nogueira. A Classe C vai às bancas: A ascensão dos tabloides populares no Brasil. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Centro de Comunicação e Expressão. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2011.
- RIZZINI, Irene. *O Século Perdido*. Raízes Históricas das Políticas Públicas para a Infância no Brasil. São Paulo: Cortez, 2011.
- SECRETÁRIO diz que morte de médico “é inadmissível”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 mai. 2015, p. 9.
- SOARES, Rafael. Ele não é um número. Mas bem que poderia. *Extra*, Rio de Janeiro, 24 mai.2015, p.22.
- SUSPEITO tem 16 anos e 15 crimes. *O Globo*, Rio de Janeiro, 22 mai. 2015, capa.
- UM CARTÃO-postal marcado pela insegurança. *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 maio 2015, p.11.
- VENTURA, Zuenir. *Cidade partida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.